



**Museu
da Língua
Portuguesa**

Centro de
Referência

**Uma
Terra**

**de
Muitas
Vozes**

caderno do
professor



Na sua escola
**Objetos Digitais de
Aprendizagem do Museu
da Língua Portuguesa**

Ao professor

Olá, educadores e educadoras!

Este é o caderno de orientações para utilização em sala de aula do material “Uma terra de muitas vozes”, Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) desenvolvido pelo Museu da Língua Portuguesa (MLP), por meio do Centro de Referência do MLP. O material é resultado do projeto “Na sua escola: objetos digitais de aprendizagem do Museu da Língua Portuguesa”.

Este documento tem como objetivo trazer inspirações para o uso desse material, sugerindo atividades e conteúdos complementares, potencializando o poder criativo de professores e professoras. Aqui, não pretendemos trazer uma receita ou um passo a passo de uso, mas sim um referencial de possibilidades que podem se adaptar à realidade de cada sala de aula, aos estudantes e aos recursos disponíveis em sua escola, podendo ser utilizado por quem conhece ou não o acervo do Museu da Língua Portuguesa.

O material “Uma terra de muitas vozes” e as informações contidas neste caderno foram construídos em colaboração com professores e formadores de língua portuguesa das Secretarias Municipais de Educação das cidades de Guaratinguetá, São Sebastião e Suzano. Esperamos que este Caderno do Professor oriente atividades de debate e troca e, sobretudo, fortaleça a relação do Museu da Língua Portuguesa com a comunidade escolar, colaborando com a construção de novas relações entre a língua portuguesa e nossa identidade.

Bom trabalho!

Centro de Referência
do Museu da Língua Portuguesa

Conhecer para reconhecer, reconhecer para valorizar

Este é um movimento que o Museu da Língua Portuguesa propõe ao trabalhar a língua como resultado – e processo – do contato com outras línguas, das quais se destacam as indígenas e as africanas. Saber de onde vem e como é falada nossa língua é também uma forma de honrar a ancestralidade e aqueles que vieram antes de nós e valorizar o legado das culturas que fazem da gente o que somos.

Desde 2008, existe a Lei nº 11.645 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas. Com o projeto “Na sua escola”, o Museu vem reforçar seu papel de aliado da educação, ao conectar a cultura como parceira do ensino, somando com as situações de aprendizagem nas escolas.

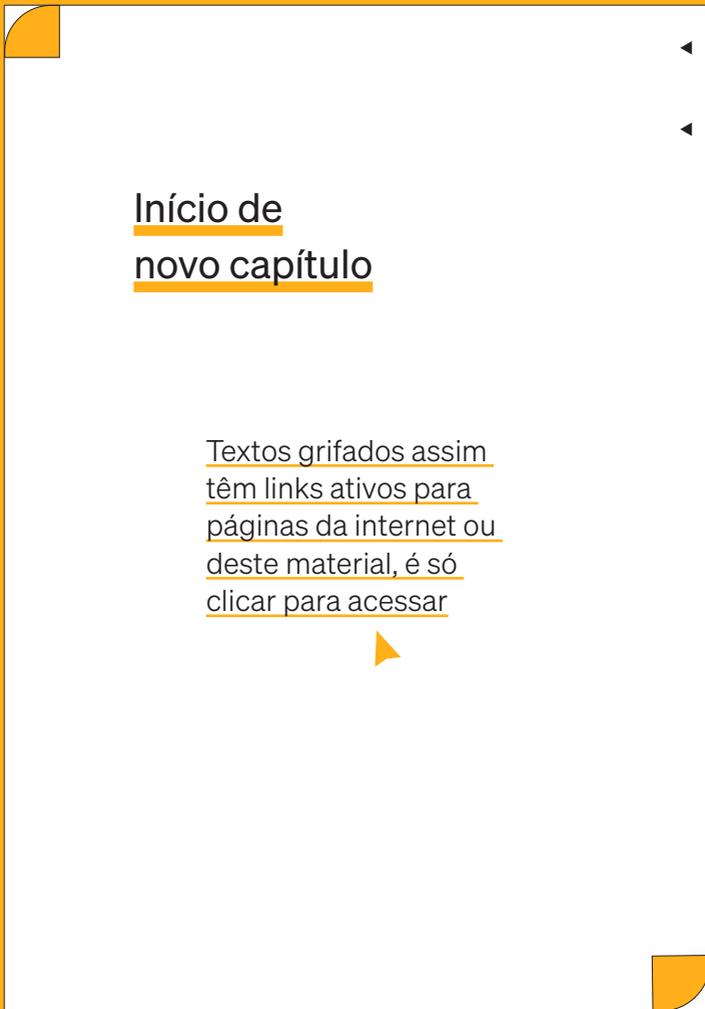
O Museu da Língua Portuguesa é um equipamento da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, administrado pelo IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, uma organização social de cultura. O Lab_Língua Portuguesa é parte integrante do Centro de Referência, idealizador do “Na sua escola” 2024, projeto em parceria com as secretarias municipais de educação de Guarulhos, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, São José dos Campos, São Sebastião e Suzano.

Agradecemos aos profissionais dessas redes pela construção conjunta e pela generosidade no processo de criar e inovar com o Museu.

Museu da Língua Portuguesa

Dicas para usar este material

este ícone
indica início
de capítulo ▶



clique neste
ícone para
voltar ao
índice

ou nestes
ícones para
avançar ou
voltar uma
página

este ícone
indica fim
de capítulo ◀

ÍNDICE

<u>Um português no/do Brasil</u>	7
<u>Uma origem complexa: para compreender a língua viva</u>	9
<u>Somos todos neurodiversos. Somos todos diferentes e iguais, por Renata Battistuzzi</u>	12
<u>O universo digital, multiletramento e objetos digitais de aprendizagem, por Vanessa Louise Batista</u>	18
<u>Propondo uma atividade para além da sala de aula</u>	25
<u>Campos de atuação possíveis</u>	29
Base Nacional Comum Curricular.....	30
Currículo Paulista.....	35
<u>Planos de Aula</u>	37
Plano de aula 1. A língua caminha	37
Plano de aula 2. Conhecendo nossa língua através das ilustrações e dos esportes e brincadeiras	43
Plano de aula 3. O som dos indígenas	46
Plano de aula 4. Produção de gêneros diversos a partir de vídeo	50
<u>Experiências dos professores</u>	53
Relato 1. A diversidade cultural brasileira	53
Relato 2. UNO da língua	57
Relato 3. Concurso cultural e linguístico: explorando raízes e versos	58
Links utilizados neste material	60



Um português no/do Brasil

A história das estruturas e das formas de uma língua é inseparável da história de seus falantes. O Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) **“Uma terra de muitas vozes”** foi criado a partir da experiência “Português do Brasil”, obra que compõe a exposição principal do Museu da Língua Portuguesa (MLP). Apresentada como uma grande linha do tempo, estabelece diferentes “andares” de informações, formando um grande mosaico estruturalmente claro e visualmente estimulante. A história da língua portuguesa no Brasil está dividida em catorze módulos de conteúdo, cada um deles desenvolve um período histórico por meio da combinação de diferentes recursos expográficos.

Nesse espaço expositivo, uma linha do tempo narra a história da língua portuguesa de maneira sucinta, desde sua formação até os dias de hoje. A instalação se propõe a problematizar as questões cruciais do tema, apresentando lado a lado diferentes perspectivas sobre os fatos e seus conflitos e fazendo recortes diacrônicos (ontem e hoje). A experiência nos oferece a oportunidade de refletir sobre as diferentes mudanças linguísticas marcadas por contextos de disputa política e ideológica, bem como apropriações culturais, religiosas e simbólicas. Para além do desenvolvimento do português enquanto língua neolatina, o processo colonizatório do Brasil expõe a língua brasileira ao contato com povos originários, pessoas negras, colonos, portugueses e novas gerações de brasileiros que são o resultado de processos sangrentos de extermínio, genocídio,



escravização e exploração, concentrados até o fim da escravização no Brasil, mas também dissipados ao longo da formação social brasileira durante os séculos XIX, XX e até hoje.

Com registros históricos de nosso passado no decorrer de séculos e décadas mais recentes, a experiência nos mostra como o desenvolvimento e a mudança da língua portuguesa podem ser percebidos por meio de textos e imagens que registram recortes socioculturais dessas profundas transformações. Os módulos que discutem essencialmente a presença indígena no Brasil (“O enfrentamento dos mundos”) e a presença negra a partir da diáspora africana (“Vozes da África” e “A travessia dos orixás”) foram os eixos centrais da concepção deste material.



SAIBA +



No aplicativo do Museu, você também encontra conteúdos complementares à experiência, como a descrição do espaço, o texto curatorial e os sons dessa experiência, além de um conteúdo especial produzido em Libras. É possível acessá-los [clikando aqui](#).



Uma origem complexa: para compreender a língua viva

A concepção e a produção deste material, os vídeos e as informações contidas neste caderno foram construídos em parceria com professores e profissionais da educação das Secretarias Municipais de Educação de Guaratinguetá, São Sebastião e Suzano. O trabalho seguiu a metodologia de escutas e eixos orientadores da primeira edição do projeto “Na sua escola”, que conta com duas edições anteriores, o “Nossa língua do Brasil” e o “Língua da rua. Rua da língua”, disponíveis no site do Museu da Língua Portuguesa gratuitamente.

Partindo da premissa da participação colaborativa da comunidade escolar e da perspectiva do uso multidisciplinar, o grupo de trabalho desta edição identificou neste material a possibilidade de transposição do conteúdo e propostas de atividade que não só contemplam a diversidade linguística, de gênero e cultural, mas também os multiletramentos.

A escolha do formato audiovisual já havia sido proposta desde o início do projeto pela aderência do formato ao público juvenil e pela perspectiva de acessibilidade, com menor necessidade de ferramentas tecnológicas e familiaridade pelos professores. A temática a ser tratada neste ODA partiu da ideia de construir um material que representasse a amplitude e a diversidade do acervo do Museu e que estivesse ligado a temas contemporâneos em debate.



Surge, assim, o “Uma terra de muitas vozes”, que tem como proposta promover questões/temas disparadores para discussão e conversas com alunos e professores, dentro e fora da sala aula. O objetivo é que este material seja utilizado por diferentes grupos escolares e proporcione variados usos e diversas camadas de interação.

Quando falamos que a língua muda, pensamos em exemplos de nosso cotidiano: acordos ortográficos, gírias, neologismos, anglicismos, dentre outros processos linguístico-discursivos. No entanto, a verdade é que se as línguas não mudassem, o português não existiria. Conhecida como parte do grupo de línguas neolatinas, a língua portuguesa é fruto de profundas mudanças sistêmicas que se iniciam desde as primeiras variações do latim culto e vulgar. Compreender criticamente esses processos de dimensões sociais, históricas, políticas, bem como fonológicas, morfológicas, ortográficas e léxico-gramaticais pode ser um passaporte para entender os inúmeros atravessamentos que explicam como chegamos aqui hoje.

Nos vídeos, temos uma protagonista indígena: a Rosa Peixoto (Róri Pa’kó, nome indígena). Nascida em Iauaretê, região do rio Uaupés, no Amazonas, da etnia tariano, do terceiro clã dyroa, Rosa é atriz e reside atualmente em São Paulo. Há também a participação dos capoeiristas do grupo Quilombolas de Luz, da região central de São Paulo. A gravação deste material marcou a primeira visita destas personagens no Museu da Língua Portuguesa, ocupando o espaço de exposição e memória com vida, movimento e presença. Um encontro de diferentes linguagens, corpos e identidades no espaço do Museu, celebrando uma língua viva e vivida, uma rede em que as significações estão em permanente trânsito entre os falantes.



Você conhece artistas indígenas?

Rosa é de uma família de artistas. Iniciou suas atividades artísticas oficialmente em 2009, atuando como atriz e no grupo de artes indígenas Dyroá Báya. Tem participações no cinema, em curtas, seriados e longas-metragens. Na série *Cidade invisível* (2022), atuou como Jaciara jovem. Atuou também na peça *Museu nacional [todas as vozes do fogo]* (2022), peça escrita e dirigida por Vinicius Calderoni. [Aqui](#), você encontra mais informações sobre a artista.



Somos todos neurodiversos.

Somos todos diferentes e iguais,

por Renata Battistuzzi

Quando fui contactada para participar da ação formativa para as pessoas do Espectro Autista do projeto “Na sua escola”, juntamente com o núcleo do Centro de Referência, uma luzinha acendeu em meu coração, minha mente brilhou e pensei: “Eu preciso ajudar, tem que ser eu a comunicar. Não pode ser outra pessoa, não pode ser uma pessoa com conhecimento raso sobre autismo, não pode ser uma pessoa fora do Espectro, não pode ser uma pessoa sem sentimento de amor pelo que faz”.

Essa empreitada valeria a pena por si só, porque naquele momento eu estava pensando no alcance de um acontecimento destes: desmistificar o autismo para professores que são os profissionais disseminadores e multiplicadores de conhecimento. Eles podem ser os agentes da inclusão, dentro e fora da escola.

O professor, o educador, é aquele que enfrenta as dificuldades de cada aluno, que vê as carências afetivas de cada um, promove a circulação do conhecimento, aguça a curiosidade, proporciona reflexão, abrindo espaço para a troca de informações, proporcionando a formação dos educandos. O professor é uma referência para os alunos. Quando demonstramos que no Espectro Autista existem diferenças na comunicação e na interação social por conta de uma formatação cerebral diferente, e não com prejuízos ou



dificuldades, nós tiramos a pessoa autista do isolamento e a incluímos como parte de nossa sociedade, mais justa e igualitária. Somos todos neurodiversos. Somos todos diferentes e iguais.

Isso significa que devemos começar a ensinar a inclusão pelos professores. Ele é o elo entre o conhecimento e a formação de cada aluno. Quando ele entende como identificar os pontos fortes (interesses específicos ou hiperfocos) de seu aluno autista, ele tem uma poderosa ferramenta de trabalho em suas mãos. Quando ele entende que o aluno autista vê, percebe e sente as coisas de outra forma, e que o entendimento sobre o que é falado pode ter influência direta nas ações daquele autista, nós temos a mudança em sala de aula, e, conseqüentemente, temos a inclusão por extensão.

Mas como é isso na prática? As acessibilidades físicas são o básico, como rampas, portas mais largas, piso tátil, braile nas placas, Libras, audiodescrição etc. É fundamental. Mas como aplicar acessibilidade emocional para os autistas? Este foi um ponto apresentado nos encontros formativos com os professores deste projeto.

Um fator importante para sempre ter em mente é que o autista, verbal ou não, sempre está lá, escutando, percebendo e absorvendo tudo. Podemos não responder à indagação, principalmente da forma como se espera, de acordo com o que a sociedade neuronormativa espera que se faça. Mas em nossa cabeça, a resposta está lá, ela só não será oralizada naquele momento. Ela pode ser demonstrada por meio de intenções, pequenos gritos, estereotípias (sim, elas são quase a extensão de nossa fala) ou movimentos aparentemente



aleatórios que indicam um profundo sentir. O mais importante é sempre lembrar da diferença da comunicação. Ela é fundamental para conseguir estabelecer um diálogo. Ela precisa ser clara, objetiva e concreta. Só. Diga o que precisa dizer, da forma mais literal possível (literalidade é um ponto crucial). Se você não sabe como iniciar um diálogo com um autista, descubra o que ele gosta de fazer ou falar e comece por aí. Não interrompa. A interrupção nos causa exaustão porque a fala para nós é realmente difícil, em qualquer nível de suporte.

A forma de ser, sentir, pensar, agir do autista é diversa e isso precisa ser respeitado. Por quê? Porque a formatação do cérebro é diferente, é sistemático. Portanto, não há certo ou errado aqui. Não há uma única forma correta de pensar aqui. Não existe um tipo de cérebro padrão e correto de existir, como a sociedade neuronormativa tenta impor. É preciso tomar cuidado com o que se acredita ser o certo. Trouxe aqui uma citação da Temple Grandin, de seu livro *O cérebro autista* (2013, p. 189), em que ela resume tão perfeitamente o que eu ensinei na aula inteira. Ah, se eu tivesse o poder de síntese...



É um erro colocar crianças no espectro na mesma sala de aula de não autistas e tratá-las todas do mesmo modo. Para crianças do ensino fundamental estar na mesma sala de aula com colegas “normais” é bom para a socialização. O professor pode propor tarefas de alto nível em temas em que a criança sobressai. [E Renata comenta aqui: essa



é a inclusão]. Mas se a escola tratar todos do mesmo modo, adivinhe: quem não for igual vai ficar isolado. Essa pessoa será discriminada em sala de aula. Quando isso acontece, não demora para que o aluno seja discriminado para sempre – enviado para uma sala de aula à parte e até para uma escola à parte.

Material de apoio aos professores

Criei um material extra de apoio aos professores, porque senti que eles não entenderam muito bem como colocar todo o conhecimento proporcionado na prática. Então resolvi dar uma ajuda na forma de pensar. Apesar de que tivemos professores que não só entenderam tudo como também tinham consciência de que precisavam, daqui para a frente, mudar o conceito e a didática para com os alunos autistas. A absorção de um conteúdo muitas vezes não depende apenas do locutor, ainda mais quando esse locutor é justamente uma pessoa autista, que muitos julgam incapaz. Acredito que em alguns casos tenha sido um choque ver alguém como eu ensinando o que é ser eu. Porém, ainda assim acredito na boa indagação: fazer pensar e refletir é necessário.

Coloco aqui alguns itens levantados por lá: o autista é ordem. Organização é o que nos rege. O mundo é desorganizado. Por isso nos desregulamos com frequência e entramos em crise, porque tudo à nossa volta desmorona, e não segue nossa forma de se organizar. E ninguém entende que precisamos de organização para viver, porque nossos cérebros são extremamente organizados e sistemáticos.



Pensamento sistêmico:

+ 1) Aptidão para SISTEMATIZAR

É a ordenação e a classificação de diferentes conhecimentos baseados em uma regra ou lógica própria – se a informação sai do que entendemos por lógica, desregulamos, e então a aflição aparece e, conseqüentemente, não aprendemos.

+ 2) Aptidão para CODIFICAÇÃO

São códigos, símbolos (CAA entra bem aqui) e, por consequência, ver tudo por meio de imagens. Também podemos ter a tendência (me incluo) em enumeração, usada para a organização, o que faz uma conexão com o passo a passo.

+ 3) Aptidão para ALINHAMENTO de SEQUÊNCIAS

Alinhamento é a forma como o autista mais se organiza, entra aqui também a enumeração. Podemos ter o alinhamento por cores e formatos. E, conseqüentemente, tudo em sequência (continuação e módulos). Podemos usar jogos de montar, empilhar, alinhar, com sequência de cores, formatos iguais e similares (não misturar cones com quadrados, por exemplo).

+ 4) Aptidão para ESTRUTURAS

Disposição, ordem, ordenamento, distribuição, ordenação, configuração, grids, diagramas (é o famoso passo a passo), conexões. Usar cores para conectar assuntos. As estruturas em forma



de diagramas ou grids podem ajudar a explicar uma ideia, teoria, forma de pensar e até a resolver algum problema. Por meio de conexões e balões, podem explicar, por exemplo, regras gramaticais, em que uma ideia se conecta com a outra, e assim usaremos formas geométricas, cor, exemplificando a ideia por meio de uma imagem.

+ 5) Afinidade com o CONCRETO

É tudo o que se pode pegar e sentir com as mãos – exemplo: jogos de cartas, em que se vê e se entende a ordem, a estrutura. Precisamos entender como ela funciona.

+ 6) Pensador por IMAGENS

Ilustrações, fotos, mapas, desenhos que representem a explicação concreta.

+ 7) Manual de instruções – passo a passo

+ 8) Pesquisa – descobrir como funciona

+ 9) Espírito especulativo – detetive

Busca compreensão profunda e racional por tudo aquilo que o cerca (por isso leva tempo para conseguir responder ou falar), por meio de reflexão filosófica e questionamento crítico. Teoriza, indaga, não aceita respostas em que não entende o porquê. Procura compreender por meio de projeções do que irá acontecer e, quando não acontece como imaginado, se frustra e desregula.

As descobertas monitoradas, o ato de pesquisar, investigar e entender, procurar por meio de pistas claras e objetivas, como uma “caça ao tesouro”, nos entretêm.



O universo digital, multiletramento e objetos digitais de aprendizagem, **por Vanessa Louise Batista**

A leitura do MUNDO precede a leitura da PALAVRA, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A importância do ato de ler, Paulo Freire

A leitura do mundo atual exige um multiletramento tal que habilite o indivíduo a transitar pelo ciberespaço enquanto se enraíza no espaço, tece relações de pertencimento e age com consciência das dinâmicas do território de vida. É fundamental comunicar-se e construir identidades face à alteridade própria da convivência social e pública. A linguagem é mediadora de tal construção e aponta caminhos para o diálogo entre as diferenças na vida cotidiana.

Cuidar das práticas comunicativas é aliar o letramento enquanto prática social no processo de alfabetização. Assim, a comunicação midiaticizada, atravessada pela codificação algorítmica, traz necessidades de um letramento digital capaz de evidenciar as formas comunicativas no ciberespaço: os modos de (re)produção simbólica próprios das semioses, modalidades, ferramentas e técnicas que



o agir no mundo digital supõe. Tais habilidades e competências estão alicerçadas em uma prática de multiletramento, capaz de inserir o sujeito na dimensão digital do mundo contemporâneo.

As características apontadas pelo grupo de pedagogia digital para o sujeito que se insere nesse universo comunicacional são as seguintes:

- **Usuário funcional: competência técnica e conhecimento prático.**
- **Analista crítico: entende que tudo que é dito e estudado é fruto de seleção prévia.**
- **Criador de sentidos: entende como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam.**
- **Transformador: usa o que foi aprendido de novos modos.**

Objetos de aprendizagem podem ser digitais, analógicos ou manipulativos:

- **Simplex: quando usados individualmente.**
- **Compostos: quando agregam diversas mídias, tais como animação interativa, hipertexto, vídeo, softwares.**

A quantidade de mídia em um ODA não está diretamente relacionada à qualidade pedagógica, mas à demanda de inserção do sujeito aprendente na dinâmica social e comunitária. A necessidade de comunicar-se e de se introduzir no mundo digital traz a possibilidade para a criação de objetos digitais de aprendizagem, visando à formação docente e discente no uso de técnicas e ferramentas



apropriadas à navegação e à utilização da internet como um espaço de aprendizagem e construção social.

É preciso considerar especificidades de diferentes mídias, conteúdos e contextos de ensino, assim como suas dimensões técnicas e pedagógicas, características, ferramentas e metodologias. Para a produção de objetos digitais que exijam software próprio, será necessário compor a equipe multidisciplinar de técnicos em desenvolvimento e em mídias, para além de especialistas das áreas envolvidas, pedagogos e professores. Em caso de uso de softwares prontos e disponíveis na internet, professores especializados nas áreas de estudo e investigação e pedagogos podem dar conta de produzi-los, desde que multiletrados.

A dimensão técnica: uso tático da tecnologia; navegação; design.

A dimensão pedagógica: estratégias pedagógicas; didática; linguagem adequada.

Características: interatividade; agregação; identificação por metadados; reusabilidade.

Ferramentas: editores de imagens; de áudio e vídeo; ferramentas de autoria.

Integrando ODAs ao ensino:

- **Infraestrutura disponível:** equipamentos digitais (lousa, computadores, celulares, gravadores portáteis, câmeras de foto e vídeo, entre outros) podem ser considerados em situações específicas e utilizados de modo conjunto ou separadamente, mediante



a necessidade pedagógica, a realidade da instituição educacional, dos docentes e dos estudantes envolvidos.

- **Planejamento pedagógico:** de acordo com os objetivos alinhados com o Projeto Político Pedagógico da escola e com o plano de aula, os ODAs se tornam mediadores da relação ensino-aprendizagem, aproximando-se dos conteúdos, mas também dos métodos de construção do conhecimento.
- **Contexto dos estudantes:** vale incluir a realidade vivida pelos educandos, seus modos de vida, seu território de moradia e/ou de convivência, suas expectativas em relação a uma atividade específica, assim como seus projetos para o futuro.

Os jogos digitais, mais conhecidos como games, são exemplos de ODAs e produzem um engajamento interessante em atividades educativas. Contudo, podem ser conjugados com atividades mecânicas e precisam condizer com o contexto de ensino-aprendizagem de acordo com as possibilidades institucionais, grupais e individuais.

Benefícios da gamificação na educação:

- Desenvolvimento da criatividade, autonomia e colaboração;
- Desenvolvimento de habilidades socioemocionais;
- Desenvolvimento da capacidade de resolução



- de problemas;
- **Exercício das capacidades cognitivas, entre elas a memória e a concentração;**
- **Maior participação dos estudantes em sala de aula;**
- **Maior interação e diálogo entre os colegas;**
- **Maior retenção do conteúdo;**
- **Melhora do desempenho nas avaliações.**

Para os professores, uma escola gamificada significa:

- **Facilidade na segmentação do conteúdo que será trabalhado em aula;**
- **Feedback instantâneo do aprendizado;**
- **Possibilidade de trabalhar um conteúdo multidisciplinar, que aborde temas transversais.**

As metodologias adotadas podem considerar não apenas o uso de computadores e smartphones como forma de engajar os estudantes em alguma atividade, mas também podem conjugá-los com outros modos de construir conhecimento e permear a percepção e as sensações dos participantes, tais como:

- **Recursos de luz e sombra;**
- **Projeção de imagens conhecidas, desconhecidas ou passíveis de reconhecimento;**
- **Produção de fotografias;**



- Produção de imagens em movimento;
- Edição das imagens para melhoria da qualidade visual;
- Editoração de sequências de imagens paradas ou em movimento para confecção de vídeos;
- Exploração dos ambientes de convivência dos estudantes para a produção de registros;
- Exposição das produções elaboradas por cada estudante ou grupo organizado para a execução da atividade proposta;
- Gravação com dispositivos móveis usuais podem registrar: depoimentos, entrevistas, cantigas, causos, ditados, histórias, receitas, lembranças, leitura de texto, efeitos da natureza, ruídos das ruas.

Vale ressaltar a ética do projeto e o plano pedagógico que merecem atenção docente e discente quanto à:

1. Privacidade e compartilhamento

- Curadoria dos sites, blogs, vídeos etc.;
- Reflexão sobre a contextualização da produção e do universo digital midiático;
- Diálogo sobre a produção da atividade (seja com pais e/ou estudantes): compromisso, privacidade, riscos, respeito mútuo;
- Responsabilidade com e reconhecimento da alteridade.



2. Produção do ensino atrelado à produção de conhecimento e aplicação de metodologias e resultados

- **Consentimento dos sujeitos;**
- **Apropriação e reconhecimento territorial;**
- **Conexões com histórias de vida;**
- **Ensino e pesquisa – ação – cidadania;**
- **O lugar de fala e/ou de pertencimento.**

O mundo digital auxilia na produção e veicula muitos dos conhecimentos que se produz nos espaços de excelência do saber científico e dos saberes populares. Contudo, não substitui a interação presencial, que resguarda o tom afetivo e ético do processo de construção das identidades e da cidadania dentro e fora da escola.

Docentes são agentes imprescindíveis e merecem reconhecimento e respeito por seus modos de lecionar, de se vincular aos/às educandos/as, além de ocupar lugar fundamental na construção do projeto de sociedade. Essa autoridade, máquina nenhuma poderá retirar deles, mas sim auxiliá-los, transpondo barreiras de linguagem e geracionais, a fim de alcançar com mais amplitude e profundidade as mentes e os corações dos que se dispõem a aprender.

Propondo uma atividade **para além da sala de aula**

Como parte integrante deste ODA, foi desenvolvido um vídeo-atividade. A proposta é que ele seja um desdobramento para a ação, com base no que foi visto e discutido no “Uma terra de muitas vozes”. A edição alterna a linguagem de documentário clássica para uma linguagem de Reels e TikTok, com os recortes em módulos e diferentes camadas de som e imagem.

No vídeo, nossa personagem convida o espectador a pensar sobre a origem das palavras que usamos no cotidiano e suas etimologias. A proposta é que espectadores, alunos e professores possam partir de algumas perguntas disparadoras e desenvolver materiais que auxiliem a pensar a respeito das raízes e dos futuros da língua portuguesa do Brasil: “Quanto mais a gente pensa em nossa língua, mais temos a certeza de que ela é um tesouro vivo, e que tal explorar isso de uma forma criativa?”, diz a personagem. Como proposta de desenvolvimento de projetos, algumas questões que podem ajudar a encaminhar a atenção e a ativar as reflexões são:

- **Você já reparou que por toda a extensão de nosso país muitos nomes de cidades e até de estados têm origem indígena?**
- **Você conhece a língua que você fala? Será que conhecer uma palavra basta para conhecer uma língua?**
- **Existem palavras proibidas?**
- **A gente se comunica o tempo todo, até sem palavras.**



Com essas perguntas, o vídeo propõe aos alunos e professores que desenvolvam uma atividade sobre o tema no formato que desejarem e a compartilhem com o Museu. É um desejo que os trabalhos realizados pelos alunos sejam referenciados no site da instituição e possam ser acessados por outros alunos e professores, estimulando a produção e a troca com estudantes de diferentes regiões do país.

Compartilhe com o Museu da Língua Portuguesa

Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos com base neste material podem ser compartilhados com o Museu. A proposta é que eles possam ser referenciados pelo Museu da Língua Portuguesa, ampliando seu acervo e gerando novos conteúdos, podendo ser disponibilizados em seus canais oficiais. Você pode compartilhar esses trabalhos [clicando aqui](#).

Aqui, sugerimos alguns formatos possíveis para a construção desses trabalhos:

Áudio/Podcast: hoje é possível realizar gravações de boa qualidade com aparelhos celulares simples, bastando escolher locais mais silenciosos e direcionar a saída do microfone para quem está falando. Há na internet diversos softwares de edição de áudio gratuitos e de fácil manipulação, como o



Audacity e o Audio Cutter – este último possibilita a edição on-line, sem necessidade de download. Caso planejem uma temporada de um podcast, sugerimos episódios curtos, com a participação de convidados e diversidades de vozes (aqui, a possibilidade de trabalhar com áudios gravados por meio do WhatsApp é uma importante ferramenta para captar pessoas de diferentes regiões).

Vídeo: os vídeos necessitam de um pouco mais de dedicação, especialmente na edição do material gravado. Gravações por celulares com uma boa iluminação natural funcionam bem. Há também a possibilidade de criar montagens com imagens, áudios e depoimentos que se complementem, gerando vídeos interessantes e dinâmicos. Ferramentas de redes sociais como TikTok e Instagram possibilitam a edição de vídeos curtos, enquanto o Wondershare Filmora e o Windows Movie Maker funcionam para a edição no computador. Há aplicativos para celular, como o KineMaster e o InShot, que também desempenham um bom papel.

Cartazes: ocupar os espaços da escola com cartazes e materiais visuais pode ser uma sugestão de execução simples e de impacto para troca com a comunidade escolar. Para criar materiais com maior apelo visual de forma simples, ferramentas como o Canva ajudam na composição de materiais visuais que podem ser ajustados conforme a proposta da atividade.

Aplicativos: outra proposta é a construção colaborativa de painéis digitais ou jogos do tipo trivia. Podem ser utilizadas ferramentas como o



Padlet, que permite criar diversos quadros virtuais que podem ser construídos colaborativamente entre grupos de alunos ou com outras turmas, enquanto o Kahoot! e o Mentimeter permitem gamificar atividades com quizzes e questionários que apresentam respostas em tempo real.

Campos de atuação possíveis

Muitas são as possibilidades de exploração das doze experiências da exposição principal do MLP que podem contemplar as aprendizagens previstas pela BNCC. Desde as mais salientes – a exploração do fenômeno da variação linguística e de seus diferentes tipos, de variedades linguísticas e do preconceito linguístico, a análise situada de diferentes níveis de análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) e a exploração dos multiletramentos (dado que a maioria das produções são multissemióticas e multimidiáticas, e o multiculturalismo se faz presente nos diferentes povos, etnias, culturas, comunidades, grupos sociais e identitários no que tange a gênero, cor e classe representados) – até a proposição de atividades de fruição, análise, apreciação e repercussão dos textos e produções próprias do campo artístico-literário.

Nesse sentido, o conteúdo apresentado neste material se vincula principalmente ao campo de práticas de estudo, pesquisa e atuação na vida pública, fornecendo a alunos e professores a oportunidade de investigar as transformações no sistema linguístico ao longo do tempo e sua relação com acontecimentos da esfera pública e privada de nossos antepassados. A experiência vincula principalmente textos imagéticos e verbais, proporcionando, portanto, práticas de leitura (multissemiótica), bem como análise linguístico-semiótica. Destaca-se a oportunidade de se observar mudanças gramaticais do ponto de vista léxico-semântico, sintático e fonológico.

Aqui, compartilhamos algumas das habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se relacionam com o conteúdo deste material. ►



Base Nacional Comum Curricular

EI03TS01	Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais e festas. ▶ Plano de Aula 3
EI03CG03	Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música. ▶ Plano de Aula 3
EI03CG06	Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. ▶ Plano de Aula 3
EF01HI02	Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.
EF02HI04	Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.
EF03HI03	Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
EF04HI06	Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
EF05HI06	Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.
EFEJAEALP19	Ler para estudar; se divertir; se informar; se instruir; se emocionar; passar o tempo; recitar; compartilhar informações; apreciar; vivenciar diferentes situações de leitura.
EFEJAEALP24	Estabelecer relações entre o oral e o escrito, por meio da leitura de diferentes textos de diferentes práticas sociais.
EFEJAEBLP05	Compartilhar impressões e aprimorar critérios pessoais, a partir de diversas experiências de leitura.
EFEJAEBLP26	Produzir textos da esfera do cotidiano, do mundo do trabalho e da esfera literária.



Base Nacional Comum Curricular

EF04CI04	Reconhecer a importância dos povos indígenas e africanos para a formação da sociedade brasileira.
EF04HI08	Identificar a contribuição dos povos indígenas e africanos no processo de formação do Brasil.
EF04LP10	Ampliar o repertório cultural e linguístico, reconhecendo as influências indígenas e africanas na língua portuguesa.
EF04LP13	Identificar e reproduzir, em textos injuntivos instrucionais (instruções de jogos digitais ou impressos), a formatação própria desses textos (verbos imperativos, indicação de passos a serem seguidos) e formato específico dos textos orais ou escritos desses gêneros (lista/ apresentação de materiais e instruções/passos de jogo).
EF04HI08	Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos da sociedade.
EF04HI01	Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
EF04GE02	Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
EF06AR11	Experimentar e analisar os fatores de movimento (tempo, peso, fluência e espaço) como elementos que, combinados, geram as ações corporais e o movimento dançado. ► Plano de Aula 1
EF06AR15	Discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola e em outros contextos, problematizando e combatendo estereótipos e preconceitos. ► Plano de Aula 1
EF06AR23	Explorar e criar improvisações e composições, utilizando vozes, sons corporais, instrumentos não convencionais e/ou outros materiais sonoros, expressando ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa. ► Plano de Aula 1
EF67LP21	Identificar e valorizar as marcas linguísticas das variedades regionais da língua portuguesa, considerando as diferentes culturas locais e os grupos étnicos e sociais.



Base Nacional Comum Curricular

EF69LP29	Analisar e comparar diferentes formas de representação do mundo em textos literários, identificando valores e crenças expressos por meio da linguagem.
EF69LP16	Produzir textos orais, escritos e multimodais (poesias, músicas, vídeos etc.), que articulem elementos da tradição cultural local, incluindo lendas, mitos e contos.
EF69LP17	Reconhecer e valorizar as tradições culturais brasileiras, especialmente as expressões artísticas e literárias que representam a cultura regional, como as manifestações da cultura caipara.
EF67AR20	Criar produções artísticas, como vídeos e performances, utilizando elementos das culturas locais e regionais, e compreendendo as relações entre arte e sociedade.
EF89AR10	Desenvolver projetos artísticos que integrem diferentes linguagens (música, teatro, dança, audiovisual), com ênfase na valorização das manifestações culturais locais e regionais.
EF69EF04	Colaborar em grupos para a realização de projetos que envolvam diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo habilidades socioemocionais como empatia, cooperação e respeito às diferenças.
EF67ER14	Trabalhar em equipe de forma colaborativa, respeitando as opiniões e contribuições dos colegas, e utilizando a diversidade cultural como recurso para a aprendizagem coletiva.
EF69AR32	Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. ▶ Plano de Aula 1
EF69AR34	Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. ▶ Plano de Aula 1
EF69AR35	Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.
EF69LP07B	Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação. ▶ Plano de Aula 4



EF69LP55	Reconhecer em textos de diferentes gêneros as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. ▶ Plano de Aula 4
EF89LP10	Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto, a partir da escolha da questão a ser discutida, da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, dos tipos de argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores. ▶ Plano de Aula 4
EF08EF16	Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente. ▶ Plano de Aula 2
EF08EF17	Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnicas táticas. ▶ Plano de Aula 2
EF08EF01	Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. ▶ Plano de Aula 2
EF07EF14	Experimentar e recriar diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. ▶ Plano de Aula 2
EF07EF17	Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito. ▶ Plano de Aula 2
EF08AR01	Pesquisar, apreciar e analisar desenho, pintura, modelagem, escultura e outras modalidades produzidas por culturas indígenas (brasileiras e latino-americanas) e africanas de diferentes épocas, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. ▶ Plano de Aula 2
EF08AR02	Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais de culturas indígenas (brasileiras e latino-americanas) e africanas, contextualizando-os no tempo e no espaço. ▶ Plano de Aula 2



EF69AR31	Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. ► Plano de Aula 2
EF69LP38	Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multisssemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas.
EF07LI23	Reconhecer a variação linguística como manifestação de formas de pensar e expressar o mundo.
EF69LP55	Reconhecer em textos de diferentes gêneros as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.



Currículo Paulista

EM13LP03	Analisar e valorizar as variedades linguísticas e os discursos presentes em diferentes manifestações culturais, considerando as tradições orais e as influências históricas.
EF89LP13	Compreender e analisar as marcas linguísticas e culturais presentes na linguagem, relacionando-as com a formação da identidade e da diversidade cultural brasileira.
EF09LP14	Produzir textos literários (como poemas, contos e crônicas) a partir da observação e reflexão sobre a cultura local e suas manifestações, explorando a riqueza do vocabulário regional.
EF89LP07	Analisar obras literárias que dialogam com as culturas locais e regionais, compreendendo a relação entre literatura e contexto sociocultural.
EM13AR06	Produzir obras audiovisuais que reflitam sobre a diversidade cultural e as influências históricas e sociais na arte, explorando técnicas e linguagens específicas.
EF89AR12	Criar produções artísticas multimodais (vídeos, performances, instalações) que abordem temas ligados à identidade cultural e às tradições locais, promovendo a reflexão crítica sobre o patrimônio cultural.
EF69EF05	Participar de projetos coletivos que promovam a inclusão, a diversidade e o respeito às diferenças, desenvolvendo habilidades socioemocionais e éticas.
EF89EF07	Desenvolver projetos em grupo que integrem diferentes saberes e práticas culturais, valorizando o diálogo, a cooperação e a empatia.



Planos de Aula

▶ Plano de Aula 1 – A língua caminha

Realização:

Maria da Glória de Carvalho
Silva Estevam Guimarães
EMEIEF Professora Maria Aparecida Broca
Meirelles

Município:

Guaratinguetá

Apresentação:

Inicia-se o projeto com a apresentação do vídeo “Uma terra de muitas vozes” do Museu da Língua Portuguesa, os estudantes dos 6^o anos analisam elementos e personalidades que aparecem no vídeo, relacionando palavras e cenas aos contextos sociais abordados. Em um segundo momento, investigam palavras de origem indígena e africana presentes na língua portuguesa e criam movimentos corporais poéticos para representá-las, culminando, assim, na criação de uma intervenção artística a ser apresentada em um local público e simbólico. As aulas possuem momentos de reflexões em sala de aula seguidos de atividades práticas no pátio. Os estudantes deverão também se inspirar em autores como Ailton Krenak e Djamila Ribeiro, assim como incorporar na intervenção a capoeira, promovendo a conexão entre ancestralidade e corpo, valorizando a diversidade, o protagonismo estudantil e combatendo preconceitos.



Objetivos:

O objetivo é, partindo do ODA “**Uma terra de muitas vozes**”, do protagonismo e da criatividade dos estudantes, investigar contextos sociais e palavras de origem indígena e africana como experiências afetivas, sonoras e corporais. Buscando desenvolver o conhecimento sobre a ancestralidade por meio de afetos, sentimentos e movimentos, respeitando a singularidade de cada estudante. E partindo dessas investigações, criar coletivamente com os alunos uma intervenção artística que possa representar de maneira poética a ideia de que “toda língua é viva” e de que conhecer nossa ancestralidade é também um ato de luta e resistência.

Grupo escolar trabalhado:

6º ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF06AR11), (EF06AR15), (EF06AR23),
(EF69AR31), (EF69AR32), (EF69AR34),
(EF69AR35).

Desenvolvimento:

Aula 1 – Investigando o vídeo “Uma terra de muitas vozes” (duração: 50 minutos)

- Análise do conteúdo do vídeo “Uma terra de muitas vozes” e proposição de reflexões sobre língua e contextos sociais, iniciando com a pergunta: “Você conhece a língua que você fala?”. Focando em frases ditas pela apresentadora, como “a língua é viva” e “a língua é um veículo importante para entender de onde viemos e onde estamos”;



- Análise da caminhada simbólica da apresentadora pelo Museu e outros signos presentes no vídeo, como a capoeira e a mata;
- Reflexão sobre as falas de Ailton Krenak;
- Conversa sobre a origem de palavras destacadas no vídeo, exemplos: capoeira, maracanã etc.;
- Finalizar propondo o desafio para a próxima aula: Como representar essas palavras ou frases em movimentos corporais?

Aula 2 – Caminhos ancestrais das palavras (duração: 50 minutos)

- Início da aula com a leitura do trecho do livro *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak (cena dos meninos remando). Discutir o simbolismo da cena;
- Analisar palavras de origem indígena e africana; após este momento, os estudantes escolhem duas palavras para representar com movimentos corporais poéticos durante a caminhada coletiva.

Aula 3 – Caminhadas de jongo e capoeira (duração 50 minutos)

- Repetir algumas vezes a caminhada e os movimentos corporais representando as palavras, como forma de ensaio;
- Analisar os movimentos, realizá-los de diferentes maneiras: rapidamente e, depois, bem devagar, explorando possibilidades estéticas;
- Apresentação de passos de jongo e capoeira para que sejam incluídos na caminhada, de acordo com a demanda dos estudantes;
- Propor aos estudantes que jogam capoeira que apresentem seus conhecimentos para os demais colegas;



- Conversas sobre impressões do resultado da partitura corporal criada.

Aula 4 – Roda de capoeira (duração 50 minutos)

- Leitura de trecho do livro *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro (páginas 7 e 8). Conversar com os estudantes sobre o texto e refletir sobre como ele pode inspirar mais uma criação de movimentos e frases dentro da caminhada;
- Realização de mais um ensaio de caminhada já contendo partituras corporais criadas pelos alunos inspiradas tanto no texto de Krenak quanto no de Djamila;
- Proposição da abertura de roda de capoeira ao final;
- Ensaiar do começo ao fim algumas vezes.

Aula 5 – Ensaio da intervenção artística (duração 50 minutos)

- Apresentação da música e efeitos sonoros que farão parte da intervenção, exemplos: Coral Guarani Tenonderã; rap de Kunumi MC; “O futuro é ancestral”, de Alok e Owerá; *Capoeira de Besouro* (2010), de Paulo César Pinheiro; som de vento;
- Conversa sobre os objetivos da criação: conseguimos alcançar o objetivo de representar de maneira poética a ideia de que a língua caminha e de que conhecer nossa ancestralidade é também um ato de luta e resistência?
- Criar coletivamente o final da intervenção e ensaiar mais uma vez do começo ao fim.



Aula 6 – Gravação das vozes e das palavras (duração 50 minutos)

- Gravação das vozes dos estudantes falando palavras de origem indígena e africana que eles próprios escolheram representar com seus movimentos corporais poéticos;
- Apresentação do aplicativo usado para a gravação e do processo de edição da trilha sonora;
- Ensaiar contando o tempo dos movimentos para finalizar a edição da trilha sonora.

Aula 7 – Ensaio geral (duração 50 minutos)

- Ensaio geral da intervenção unindo as duas turmas do 6º ano;
- Últimos ajustes e combinados.

Aula 8 – Intervenção artística (período da manhã completo)

- Realização e registro em vídeo da intervenção artística em local público e simbólico. Os locais da cidade de Guaratinguetá escolhidos foram o parque próximo ao rio Paraíba do Sul (a palavra *paraíba* tem origem indígena) e o Museu Conselheiro Rodrigues Alves.

Reflexão final:

Os estudantes se interessaram muito pelo conteúdo do vídeo “Uma terra de muitas vozes” do Museu da Língua Portuguesa e por representar as palavras com movimentos corporais. O fato de as aulas se iniciarem com discussões sobre as palavras de origem indígena e africana, trechos de livros, estratégias e logo em seguida partir



para a expressão corporal, para a ação, tornou tudo muito dinâmico, lúdico, atrativo e com sentido para os estudantes. Eles se apropriaram do projeto e compreenderam a necessidade de organização e respeito mútuo para conseguir realizá-lo, isso impactou positivamente o resultado. O desafio maior foi a grande quantidade de estudantes por sala e o tempo limitado de apenas duas aulas de arte por semana (50 minutos cada), mas, devido ao engajamento dos alunos, superamos esses obstáculos. Observo que a emoção e o corpo em ação ampliam as possibilidades de a construção de conhecimento se tornar mais profunda, pois foram dias muito emocionantes e de elevação da autoestima dos alunos que, em diversos casos, passaram a reconhecer sua ancestralidade por meio da beleza da cultura e da história de resistência. O dia da intervenção artística diante do rio Paraíba do Sul e no Museu foram inesquecíveis. Contei com o apoio da coordenação e da direção, o que também foi fundamental para a realização. Com certeza vamos repetir projetos como esse em outros anos.

Referências bibliográficas:

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

Ailton Krenak, *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Djamila Ribeiro, *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, *Currículo Paulista: Educação Infantil e Ensino Fundamental: anos iniciais e finais*. São Paulo: SEE/SP, 2019.



Plano de Aula 2 – Conhecendo nossa língua através das ilustrações e dos esportes e brincadeiras

Realização:

Wagner Fernandes da Silva Filho

EMEIF Professora Ana Fausta de Moraes

Município:

Guaratinguetá

Apresentação:

Por meio da apresentação dos objetos digitais de aprendizagem desenvolvidos, na aula de educação física, os alunos foram levados a fazer uma reflexão sobre o verdadeiro conhecimento sobre nossa língua pátria e a realizar uma pesquisa sobre possíveis palavras do cotidiano e do meio esportivo para que, em uma etapa subsequente, criassem uma pequena história por meio de ilustrações, utilizando palavras de origem africana ou indígena, a fim de explicarem alguma situação de esporte ou brincadeira, conteúdos estes pertencentes ao mundo da educação física.

Objetivos:

Demonstrar de maneira prática a interdisciplinaridade entre língua portuguesa, arte e educação física e, ao mesmo tempo, comprovar a importância da educação física e a influência das matrizes africanas e indígenas nesse segmento, com a presença de nomes de brincadeiras, apetrechos, brinquedos, instrumentos musicais e atividades afins.

Grupo escolar trabalhado:



8º ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF08EF16), (EF08EF17), (EF08EF01), (EF07EF14),
(EF07EF17), (EF08AR01), (EF08AR02),
(EF69AR31).

Desenvolvimento:

Foram apresentados os dois vídeos “Uma terra de muitas vozes” em sequência aos alunos e, logo após a apresentação, foram realizados pequenos debates sobre o real conhecimento de nossa língua, de onde ela veio e de onde vêm as palavras que utilizamos em nosso dia a dia. Neste mesmo encontro, foi pedido aos alunos que trouxessem na próxima aula uma lista de palavras de uso diário que fossem de origem africana ou indígena, como o nome de nossa própria cidade, Guaratinguetá, que, resumidamente, quer dizer “terra de muitas garças brancas”. Na segunda aula, de posse da lista, revisitamos os vídeos, e após uma explanação do professor de que algumas brincadeiras, lutas e instrumentos já eram de domínio deles e de que seus nomes, as palavras que os representam, são de origem africana, foi dado início à confecção de quadrinhos, tirinhas ou pequenas histórias contando sobre algum esporte ou brincadeira e utilizando as palavras pesquisadas. Esta etapa durou duas aulas, com a possibilidade de terminar em casa caso fosse necessário. Em uma quarta aula, foi dada a devolutiva aos alunos sobre os quadrinhos e as histórias confeccionados, e foram escolhidos os melhores, que farão parte da mostra pedagógica do final do ano, encerrando com um debate sobre o real conhecimento da língua que falamos.

Reflexão final:



Os próprios alunos chegaram rapidamente à conclusão de que pouco conhecemos da língua que falamos, que mesmo um simples pensamento sobre uma palavra já a torna estranha em sua pronúncia e daí pensamos “Por que peteca chama peteca?”; “Por que a palavra *capoeira*, se ficarmos falando repetidas vezes, fica estranha na boca?”; “Por que atabaque ou qualquer outra palavra, mesmo que não seja de origem africana ou indígena, por vezes perde o sentido e pode ficar engraçada ou estranha quando a questionamos?”.



Plano de Aula 3 – O som dos indígenas

Realização:

Fabiana Lemes Ribeiro

Denise Mara Pires dos Santos

SME/Equipe Técnica da Ed. Infantil e Ed. Especial

Município:

Suzano

Apresentação:

Inicia-se o projeto com a apresentação do vídeo “Uma terra de muitas vozes” do Museu da Língua Portuguesa, os estudantes dos 6^o anos analisam elementos e personalidades que aparecem no vídeo, relacionando palavras e cenas aos contextos sociais abordados. Em um segundo momento, investigam palavras de origem indígena e africana presentes na língua portuguesa e criam movimentos corporais poéticos para representá-las, culminando, assim, na criação de uma intervenção artística a ser apresentada em um local público e simbólico. As aulas possuem momentos de reflexões em sala de aula seguidos de atividades práticas no pátio. Os estudantes deverão também se inspirar em autores como Ailton Krenak e Djamilia Ribeiro, assim como incorporar na intervenção a capoeira, promovendo a conexão entre ancestralidade e corpo, valorizando a diversidade, o protagonismo estudantil e combatendo preconceitos.

Objetivos:

- Introduzir as crianças às variações linguísticas presentes no Brasil, com ênfase nas línguas indígenas;



- Desenvolver habilidades de escuta, fala e compreensão através de atividades lúdicas.

Grupo escolar trabalhado:

Alunos com idade de 5 anos da Educação Infantil

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EI03TS01), (EI03CG03), (EI03CG06).

Desenvolvimento:

1ª etapa:

Realizar uma roda de conversa para um primeiro acolhimento, explicando que irão aprender sobre as línguas faladas pelos povos indígenas, tendo apoio de imagens e palavras.

Perguntas para iniciar a conversa:

“Vocês sabiam que no Brasil existem muitas línguas diferentes?”;

“Quem aqui já ouviu falar de povos indígenas?”.

Apresentação de imagens e palavras.

Serão mostrados cartazes com imagens de elementos da natureza, animais e objetos, juntamente com seus nomes em algumas línguas indígenas, como guarani, tupi e yanomami.

Pronúncia das palavras em voz alta, incentivando as crianças a repetirem-nas.

2ª etapa:

Reunir os estudantes para a exibição do vídeo “Uma terra de muitas vozes”, e na sequência o vídeo “Uma terra de muitas vozes – atividade”. Ao término, instigar as crianças a manifestar suas impressões genuínas para a reflexão sobre nossa língua, dando ênfase a destaques do vídeo.

3ª etapa:



Haverá apresentação do curta-metragem “Kalapalo”, animação feita por crianças da etnia Kalapalo que conta um pouco sobre esse povo e sobre as festas celebradas.

4ª etapa:

Em outro dia letivo, retomar o assunto com a turma, acrescentar a leitura do livro infantil *Aldeias, palavras e mundos indígenas*, de Valéria Macedo, e propor que relatem suas observações.

5ª etapa:

Na sequência, haverá a proposta de confecção, junto aos estudantes, de um instrumento musical indígena que tem um pequeno tambor preso a uma haste de madeira com dois barbantes nas laterais, finalizado com sementes, o kabuletê, que, quando girado, faz com que as sementes batam no couro e gerem um som de batida.

6ª etapa:

Será apresentado o vídeo “Vamos fazer um kabuletê usando sucata?”. Com recursos de sucata e materiais recicláveis, cada um fará seu instrumento e será feita uma apresentação musical para cada criança mostrar sua criação.

7ª etapa:

Atividade musical: será tocada uma música em uma língua indígena, como o hino nacional em guarani ou uma canção tradicional de um povo indígena.

Peça às crianças que dancem e se movam ao ritmo da música, incentivando-as a prestar



atenção nas palavras.

Etapa final:

Apresentação de cada criança com seu kabuletê.

Reflexão final:

A Educação Infantil é um momento propício para plantar sementes de consciência e sensibilidade cultural. As crianças que aprendem a valorizar a diversidade desde cedo tendem a ser contínuas e não pontuais. Integrar a diversidade linguística e cultural ao cotidiano escolar promove um ambiente mais rico e inclusivo.

É perceptível na observação destas vivências a ampliação do vocabulário e do repertório de experiências dos estudantes.



Plano de Aula 4 – Produção de gêneros diversos a partir de vídeo

Realização:

Celso Daltin Filho

EM Edileusa Brasil Soares de Souza

Município:

São Sebastião

Apresentação:

Exposição de vídeo. Roda de conversa. Trabalhos colaborativos. Produção de texto.

Objetivos:

Estimular o contato do aluno com a multiplicidade da língua portuguesa;
incentivar a produção de textos variados em contextos múltiplos.

Grupo escolar trabalhado:

9º ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF69LP07B), (EF69LP55), (EF89LP10).

Desenvolvimento:

No início das aulas, o professor apresentará os vídeos “Uma terra de muitas vozes” aos alunos (ODA) sobre a breve história da língua portuguesa e a influência das palavras indígenas na comunicação humana. Posteriormente, os alunos



serão instigados, a partir dos vídeos, a produzir gêneros diversos, utilizando neles palavras de origem indígena. Cada grupo ficará responsável por produzir um gênero (poema, conto, propaganda, notícia, história em quadrinhos) utilizando as palavras pesquisadas. Essa atividade será desenvolvida em duas aulas.

Nas próximas duas aulas, cada grupo apresentará aos demais as produções, lendo os textos em voz alta e abrindo para a exposição da opinião dos outros colegas sobre o tema.

Posteriormente, nas duas aulas restantes da semana com os discentes, será montada uma roda de conversa novamente para levantar as palavras mais utilizadas nos trabalhos. Será proposta uma pesquisa, o aprofundamento sobre a questão indígena e a argumentação sobre o tema.

Relato da experiência:

A prática de reflexão sobre um tema, a escrita sobre ele em gêneros textuais diversos e, posteriormente, o uso da argumentação são positivos ao aprendizado da língua portuguesa em suas diferentes perspectivas.



Experiências dos professores

▶ **Relato 1 – A diversidade cultural brasileira**

A atividade proposta no plano de aula sobre a diversidade cultural brasileira com foco nos povos negros e indígenas foi realizada com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Desde o início, os alunos mostraram-se curiosos e receptivos ao tema, muitos já tinham algum conhecimento prévio, especialmente sobre os povos indígenas, e se revelaram entusiasmados para aprender mais.

A aula começou com uma introdução ao conceito de diversidade cultural. Utilizei perguntas como “O que vocês sabem sobre os povos indígenas e negros no Brasil?” para despertar o interesse e fazer uma ponte com o conteúdo que seria abordado. A resposta foi positiva: vários alunos mencionaram festas tradicionais, como o Carnaval e a Festa Junina, conectando-as à cultura afro-brasileira e indígena, o que facilitou a transição para uma discussão mais profunda.

A exibição de vídeos curtos sobre a história e a cultura desses dois grupos foi um ponto forte da aula. As imagens dos povos indígenas em suas aldeias e dos negros africanos trazidos ao Brasil por meio do tráfico de escravizados ajudaram a construir um panorama visual que captou a atenção dos alunos. Durante a exibição, os alunos ficaram atentos, e alguns fizeram comentários espontâneos sobre como certos costumes ainda estavam presentes na sociedade, como a dança e as vestimentas.

Na atividade grupal, os alunos foram divididos em dois grupos: um seria responsável pelas contribuições indígenas e o outro, pelas



contribuições afro-brasileiras. Essa parte da aula foi bastante interativa e os alunos se envolveram ativamente, pesquisando e criando pequenas apresentações. Percebi que o grupo que abordou as culturas afro-brasileiras mostrou mais facilidade em encontrar exemplos cotidianos, como o samba, o candomblé e a capoeira, temas mais conhecidos e presentes na cultura popular.

Já o grupo que trabalhou com a cultura indígena precisou de mais ajuda, especialmente em questões históricas e na compreensão da importância das línguas indígenas e dos conhecimentos de preservação ambiental. Isso mostrou que, apesar de conhecerem os povos indígenas, os alunos tinham uma visão mais superficial desse grupo, o que foi um ponto importante para reforçar durante a aula. A oficina cultural, em que os alunos confeccionaram pequenos adornos inspirados na cultura indígena e afro-brasileira, foi um sucesso. Eles adoraram trabalhar com materiais como penas, sementes e papel, e a atividade trouxe um ar lúdico ao aprendizado. Alguns alunos mencionaram que gostariam de fazer mais atividades práticas em outras aulas.

Durante a roda de conversa ao final, os alunos foram questionados sobre como poderiam valorizar as culturas indígena e afro-brasileira no dia a dia. As respostas foram simples, mas reveladoras: alguns sugeriram que poderiam conhecer mais sobre esses temas por meio de livros ou filmes, enquanto outros sugeriram respeitar as tradições e falar sobre isso com amigos e familiares. Quando perguntei “Por que é importante conhecer a história desses povos?”, muitos alunos responderam que, se não conhecermos o passado, não poderemos entender o presente.



O que funcionou bem

- ▶ **Uso de recursos visuais:** os vídeos despertaram muito interesse e funcionaram como uma forma eficaz de apresentar informações de maneira acessível.
- ▶ **Atividade prática:** a oficina de confecção de adornos foi extremamente bem recebida, incentivando a criatividade e a interação entre os alunos.
- ▶ **Interação coletiva:** a divisão dos alunos em grupos para explorar diferentes culturas promoveu a cooperação e o diálogo entre eles.

O que não funcionou

- ▶ **Dificuldade em lidar com a profundidade do tema indígena:** o grupo que trabalhou com as culturas indígenas teve mais dificuldade em encontrar exemplos claros e tangíveis, o que indicou a necessidade de mais recursos pedagógicos para explicar melhor esse tema.
- ▶ **Tempo de apresentação:** algumas apresentações foram longas, e os alunos demonstraram sinais de cansaço, especialmente ao ouvir o segundo grupo. Talvez uma reorganização do tempo ou uma divisão mais dinâmica das tarefas possa ajudar.

De maneira geral, os alunos se mostraram muito interessados e sensibilizados com o tema. Percebi que, para muitos deles, a abordagem sobre os povos negros e indígenas foi uma novidade, especialmente quando se tratava de reconhecer a importância dessas culturas para o Brasil atual. Embora já tivessem ouvido falar sobre algumas figuras e tradições afro-brasileiras e indígenas, não tinham uma visão clara sobre o impacto dessas culturas na formação da identidade nacional. O contato com o conteúdo gerou curiosidade, especialmente em relação a personagens históricos, como Zumbi dos Palmares e figuras indígenas retratadas nos vídeos, como os Guarani.



Essa atividade, portanto, foi uma rica oportunidade para ampliar o conhecimento dos alunos sobre as raízes da diversidade cultural brasileira, proporcionando momentos de reflexão e valorização das culturas afro-brasileira e indígena.

Professora Isabel Cristina Ribeiro Simões Santos
EMEF Prof^a. Heloísa Helena Rodrigues Alves Sanches
Guaratinguetá – SP



► **Relato 2 – UNO da língua**

Me chamo Gustavo e sou professor do 4º ano na escola Aliete Ferreira Gonçalves em Guaratinguetá, São Paulo. Hoje venho relatar sobre a proposta da atividade e o plano de aula realizado com as crianças.

O vídeo disparador “Uma terra de muitas vozes” proporcionou uma roda de conversa em que observamos o conhecimento adquirido pelas crianças sobre os povos originários e o povo africano. Eles relataram suas impressões e eu pude dividir com eles sobre a experiência de visitar o Museu.

A partir do vídeo, a proposta da pesquisa, previamente pensada, foi realizada, e a ideia inicial era a construção de um dicionário de palavras de origem indígena e africana presentes em nosso falar atualmente, porém outra ideia surgiu ao longo do caminho, mais dinâmica e interessante para eles.

Elaboramos um jogo para que pudessem usufruir de seus conhecimentos nas pesquisas realizadas e para proporcionar um jeito novo de aprender. Durante o jogo, surgiram muitas dúvidas sobre as palavras desconhecidas e novamente o desejo de pesquisar apareceu. Concluí que o jogo não é apenas para reforçar conhecimento, e sim para adquirir novos saberes, ampliar o vocabulário etc.

Estou satisfeito com a interação da turma e com o êxito da proposta que a princípio era muito abstrata. Estou contente em participar do projeto e as crianças seguem interessadas em conhecer o Museu.

Professor Gustavo Baesso Vasques de Oliveira
EM Aliete Ferreira Gonçalves
Guaratinguetá – SP



Relato 3 – Concurso cultural e linguístico: explorando raízes e versos

Como equipe docente, estamos muito satisfeitos em compartilhar a experiência enriquecedora que tivemos ao desenvolver o projeto cultural em parceria com o Museu da Língua Portuguesa. A escola tem 1.034 alunos, sendo 226 do 8º ano e 233 do 9º ano, público-alvo escolhido para a aplicação do projeto. A oportunidade de explorar as influências indígenas e africanas na formação de nosso idioma, por meio de uma abordagem interdisciplinar, foi um ponto de conexão importante para os alunos com a cultura e a linguagem.

Desde o início, seguimos o projeto, abordando cada etapa com dedicação e entusiasmo. Na primeira fase, realizamos uma roda de conversa sobre cultura e linguagem, que foi iniciada com a exibição do vídeo “Uma terra de muitas vozes” produzido pelo Museu da Língua Portuguesa. Esse vídeo chamou muito a atenção dos alunos, especialmente pela presença da capoeira, que despertou o interesse até mesmo daqueles que inicialmente não haviam demonstrado tanto engajamento. A partir desse momento, os alunos se mostraram curiosos em entender como as diversas influências culturais, como as africanas e indígenas, moldaram nosso idioma e nossas expressões. A troca de ideias foi rica, revelando a importância de valorizar nossas raízes culturais.

Na segunda etapa, o trabalho com poesias sobre a cultura caçara realizado pelas professoras de língua portuguesa foi particularmente inspirador. Situados em São Sebastião, no litoral paulista, sentimos a conexão dos alunos com as próprias tradições e com a beleza da cultura local. Essa fase permitiu que eles expressassem suas emoções e reflexões por meio da poesia, criando um vínculo



mais forte com a identidade regional.

Um dos momentos mais marcantes foi a saída de campo para a Barra dos Pescadores. Os alunos tiveram a oportunidade de capturar imagens e realizar entrevistas, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos. Esse contato direto com o ambiente e com as pessoas da comunidade proporcionou uma vivência autêntica e significativa, que foi refletida nos vídeos produzidos na etapa final do projeto.

Na última etapa, além da produção dos vídeos, os alunos colaboraram com o professor Tony Penedo na elaboração de uma sala temática, que foi exposta na Festa da Leitura da escola. A sala foi decorada com os materiais e vídeos trabalhados durante o projeto, permitindo à comunidade escolar que vivenciasse os temas abordados. Essa integração entre o trabalho audiovisual e a exposição temática deu ainda mais visibilidade ao projeto e envolveu a escola de maneira muito positiva. A sala foi uma verdadeira imersão na cultura, cada um que por ali passava sentia-se dentro de uma exposição. Foi muito gratificante ver o brilho nos olhos dos alunos vendo o trabalho deles tendo tanto destaque. O trabalho ganhou visibilidade e fará parte da exposição final da Secretaria da Educação (Expotec) e temos a pretensão de transformá-la em uma exposição itinerante, levando-a para outras escolas.

No entanto, como em qualquer projeto, enfrentamos alguns desafios. A falta de tempo para reunir todos os professores envolvidos foi um dos principais percalços. As agendas concorridas dificultaram os encontros para planejamentos e discussões coletivas, o que exigiu maior flexibilidade e adaptação de todos os envolvidos. Ainda assim, conseguimos manter a coesão do projeto graças ao comprometimento de cada um e ao apoio da coordenação pedagógica da escola.



Em resumo, a experiência foi extremamente positiva e enriquecedora tanto para os alunos quanto para nós, professores. A oportunidade de ver nossos alunos se conectarem com a cultura e a linguagem de forma tão envolvente e criativa nos enche de orgulho e reforça a importância de projetos como este. A visita ao Museu da Língua Portuguesa em São Paulo será o fechamento perfeito dessa jornada de aprendizagem e descoberta.

Professora Dione Vasconcelos – Língua portuguesa

Professor João Borzi – História

Professora Larissa Peres – Língua portuguesa

Professora Raquel Luciano – Língua portuguesa

Professor Tony Penedo – Arte

Professora Sirlene Rodrigues da Costa –

Coordenadora pedagógica

Escola Municipal Antônio Luiz Monteiro

São Sebastião – SP



Links utilizados neste material



Um português no/do Brasil

- ▶ **SAIBA + Conteúdo complementar à experiência “Português do Brasil”:** <https://app.mlp.org.br/experiencia/7>

Uma origem complexa: para compreender a língua viva

- ▶ **Projeto “Na sua escola”, edição “Nossa língua do Brasil”:** <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oda/nossa-lingua-do-brasil/>
- ▶ **Projeto “Na sua escola”, edição “Língua da rua. Rua da língua”:** <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oda/oda-lingua-da-rua-rua-da-lingua/>
- ▶ **SAIBA + Instagram da artista Rosa Peixoto:** <https://www.instagram.com/rosalyoro/>

Propondo uma atividade para além da sala de aula

- ▶ **Audacity:** <https://www.audacityteam.org/download/>
- ▶ **Audio Cutter:** <https://mp3cut.net/>
- ▶ **TikTok:** https://play.google.com/store/apps/details?id=com.zhiliaoapp.musically&referrer=af_tranid%3Dy_RH9oQhwemfTWkllorbdA%26af_web_id%3D79416ec1-90f5-46f2-bc46-e30b37dc3397-c
- ▶ **Instagram:** https://play.google.com/store/apps/details?id=com.instagram.android&hl=pt_BR&gl=US
- ▶ **Wondershare Filmora:** https://filmora.wondershare.net/pt-br/ad/filmora-editor-de-video-brand.?gclid=CjwKCAjw6MKXBhA5EiwANWLODJYusvwme1EmOI001l6IO6pHXZFqoKXUPYSZ553hgCgIXB9qW9UIISRoCixMQAvD_BwE
- ▶ **Windows Movie Maker:** <https://www.tecmundo.com.br/como-fazer/26724-windows-movie-maker-como-criar-slideshows.htm>
- ▶ **KineMaster:** <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.nexstreaming.app.kinemasterfree>



- ▶ **InShot:** <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.camerasideas.instashot>
- ▶ **Canva:** https://www.canva.com/pt_br/
- ▶ **Padlet:** <https://pt-br.padlet.com/>
- ▶ **Kahoot!:** <https://kahoot.com/>
- ▶ **Mentimeter:** <https://www.mentimeter.com/pt-BR>

Plano de Aula 3 – O som dos indígenas

- ▶ **“Vamos fazer um *Kabuletê* usando sucata?”:** <https://www.youtube.com/watch?v=5avATOj6Yj0>



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcísio Gomes de Freitas
Governador

Felício Ramuth
Vice-Governador

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

Marília Marton
Secretária

Marcelo Assis
Secretário Executivo

Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete

Mirian Midori Peres Yagui
Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico

Sofia Gonçalves
Diretora do Grupo Técnico de Coordenação
do Sistema Estadual de Museus

Luana Viera
Diretora do Grupo de Preservação
do Patrimônio Museológico

Regiane Lima Justino
Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Renata Vieira da Motta
Diretora Executiva

Vitória Boldrin
Diretora Administrativa e Financeira

Roberta Saraiva Coutinho
Diretora Técnica



Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa

Camila Chagas Aderaldo
Coordenadora

Cecilia Farias
Pesquisadora

Janaína Lopes
Assistente de documentação

Leonardo Arouca
Técnico em documentação

Luiza Victória Brito Magalhães
Supervisora

Projeto Na sua escola: Objetos Digitais do Museu da Língua Portuguesa Edição “Uma terra de muitas vozes”

Camila Chagas Aderaldo
Luiza Victória Brito Magalhães
Coordenação geral do projeto

Julia Calasso
Produção geral do projeto

Lívia Eduarda Oliveira de Araujo
Renata Parisotto Battistuzzi
Vanessa Louise Batista
Consultoria pedagógica

Luiza Victória Brito Magalhães
Karina Macedo
Coordenação Editorial

EQUIPE DE FORMAÇÃO

MUSEU DÁ A LETRA 2024 – GTII

Secretaria Municipal de Educação de São Sebastião

Celso Daltin Filho
Dione Vasconcelos de A. Nascimento
João Ricardo Borzi



José Reinaldo Silva
Larissa Rodrigues Peres
Mariana Burali Meissner
Raquel de Andrade Luciano
Sirlene Rodrigues da Costa
Tony de Jesus Penedo Cavalcanti

Secretaria Municipal de Educação de Suzano

Denise Mara Pires dos Santos
Fabiana Lemes Ribeiro
Márcia de Oliveira Martins
Sueli Artur Nascimento Stuchi

Secretaria Municipal de Educação de Guaratinguetá

Gustavo Baesso Vasques de Oliveira
Isabel Cristina Ribeiro Simões dos Santos
Katia Cristina Leite
Maria da Glória de Carvalho e Silva Estevam Guimarães
Wagner Fernandes da Silva Filh

Publicação

Patrícia Yamamoto Costa Caldeira
Projeto gráfico

Beto Cavalcante
Denis Mathias Leão
Diagramação

Daniela Uemura
Revisão

Realização audiovisual

Renato Modesto
Tide Gugliano
Roteiro



André Piruka

Som direto e mixagem

Eduardo Gugliano

Assistência de montagem e cor

Rosa Peixoto

Apresentação

Grupo Quilombolas de Luz

Priscila Araújo Machado

Evandro Almeida

João Marcelo

Romeu Assunção

Thalita Fernanda Ribeiro de Souza

Participação

Fernando Solidade

Direção de fotografia

Adriana Marmo

Produção

Tide Gugliano

Direção e montagem

Open Senses

Libras e acessibilidade

Museu da Língua Portuguesa | Temporada 2024

Projeto na sua escola: Objetos Digitais do Museu da Língua Portuguesa

Patrocínio Máster



Patrocínio

Apoio



Parceria no projeto



Gestão

Concepção e Implantação



Realização





**Museu
da Língua
Portuguesa**

Centro de
Referência



Na sua escola
**Objetos Digitais de
Aprendizagem do Museu
da Língua Portuguesa**